

ARIANE SOARES DE SOUZA

**DISCURSO E IDENTIDADE FEMININA NA MÍDIA
IMPRESSA: A EVOLUÇÃO DA MULHER NO
MERCADO DE TRABALHO**



ARARAQUARA – S.P.
2014

ARIANE SOARES DE SOUZA

**DISCURSO E IDENTIDADE FEMININA NA MÍDIA
IMPRESSA: A EVOLUÇÃO DA MULHER NO
MERCADO DE TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin

ARARAQUARA – S.P.
2014

Souza, Arianne Soares de

Discurso e identidade feminina na mídia impressa : a evolução da mulher no mercado de trabalho / Arianne Soares de Souza – 2015

36 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin

1. Discursos, alocações, etc. 2. Mulheres -- Identidade.
3. Trabalho feminino. 4. Periódicos. I. Título.

ARIANE SOARES DE SOUZA

DISCURSO E IDENTIDADE FEMININA NA MÍDIA IMPRESSA: A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da
Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profª Dra. Maria do Rosário de
Fátima Valencise Gregolin

Data da defesa/entrega: 02/02/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profª Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profª Juliane de Araújo Gonzaga
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profº Maurício Neves Corrêa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que permitiu a conquista do ingresso na Universidade e, que ao longo da trajetória, deu-me forças para não desanimar e seguir em frente.

À minha família que me ensinou os valores do estudo e do trabalho e que sempre esteve presente com o seu apoio, amor e carinho em todos os momentos.

Aos verdadeiros amigos que sempre torceram por mim e compartilham da minha felicidade.

À minha orientadora Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin que permitiu a realização deste trabalho com os seus ensinamentos e sua orientação.

RESUMO

A identidade feminina no que tange à multiplicidade dos papéis da mulher contemporânea e sua evolução no mercado de trabalho é o tema central do trabalho que se desenvolve a partir dos estudos da Análise do Discurso da linha francesa de Michel Pêcheux e Michel Foucault. O objetivo é refletir os mecanismos discursivos da mídia impressa, focalizando as capas da revista *Veja*, que por meio de sua linguagem verbal e visual constroem efeitos de sentido e disseminam determinadas “verdades” sociais quanto a transformação do sexo feminino. Considerando que essa vertente da mídia exerce um papel importante na formação da opinião da sociedade, vale investigar, analisar e descrever os elementos presentes nas capas, como objetos de sedução e persuasão. O material de análise do trabalho é constituído por seis capas publicadas pela revista *Veja* no período de 1968-2012 que abordam a temática da mulher no mercado de trabalho, que nos mostram a sua evolução e as mudanças nas representações sobre o universo feminino e o trabalho na sociedade.

Palavras-chave: discurso; mulher no mercado de trabalho; identidade feminina; mídia

ABSTRACT

The female identity in relation to the multiplicity of roles of contemporary women and their evolution in the labor market is the focus of the work that is developed from studies of French line Discourse Analysis referred to Michel Pêcheux and Michel Foucault. The objective is to reflect on the discursive mechanisms of print media, focusing on *Veja* magazines covers, which, by its verbal and visual language, constructs meaning effects and disseminates certain social "truths" about the female changes. Considering that this media aspect plays an important role on society's opinion formation, it is worth to investigate, analyse and describe the elements present on the covers, as seduction and persuasion objects. The work analysis material is formed by six covers published by *Veja* magazine in the period of 1968-2012, which raise the theme of women in the labor market and show us their evolution and the changes in the representations about the female universe and the work in society.

Key words: discourse; woman in the labor market; female identity; media.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
A mulher e o trabalho.....	9
1.1 Uma história das mulheres.....	9
1.2 Identidade feminina.....	12
O discurso da mídia impressa.....	15
2.1 Análises do discurso: pressupostos teóricos.....	15
3 Análise do <i>corpus</i> : o que dizem as capas.....	24
Conclusão.....	32
Referências.....	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta como tema central a produção da identidade feminina através dos mecanismos discursivos utilizados na mídia impressa. Levando em consideração que o conceito de identidade feminina engloba a sua relação com o corpo, saúde, sexualidade, comportamento, família, papel social e mercado de trabalho, optou-se por filtrar o *corpus* e focar na evolução e transformação da mulher no mundo corporativo. A pesquisa aborda a construção da identidade feminina a partir da junção entre discurso, história e memória.

O *corpus* é constituído por seis capas publicadas pela revista *Veja* no período de 1968-2012 que abordam a temática da mulher no mercado de trabalho, o que nos mostra a sua evolução e as mudanças que causaram na sociedade e em suas próprias vidas. A escolha pela revista *Veja* deve-se a sua relevância no cenário editorial brasileiro: é a publicação semanal de maior circulação nacional, segundo a Associação Nacional de Editores de Revistas.

O objetivo principal é refletir de que forma o discurso da mídia impressa produz identidades. Pretende-se – através das capas – analisar os enunciados, os elementos visuais, os efeitos de sentido, a relação entre história e memória e compreender os movimentos discursivos conceituados em fins da década de 1960 e seus prolongamentos na atualidade. Paralelamente, refletir a identidade feminina e a sua evolução no mercado de trabalho.

O embasamento teórico se encontra na análise do discurso da linha francesa e os conceitos de Michel Foucault e Michel Pêcheux, visto que o discurso é um “campo de confrontos teórico-metodológicos” (GREGOLIN, 2003, p. 14). Será abordada – com base nas leituras que Gregolin faz da análise do discurso - a heterogeneidade constitutiva do discurso, o jogo das relações de poder, os jogos de verdade, os efeitos de memória e a relação indissociável entre discurso, sujeito e história. Esses pressupostos teóricos serão mobilizados a fim de analisar a construção da identidade feminina em um certo período histórico e em um tipo de mídia de grande circulação.

A hipótese levantada é que o discurso das capas produz efeitos de sentido que refletem a realidade em que a mulher está inserida em um determinado momento da história. Espera-se constatar que a capa é um lugar de enunciação onde são veiculadas verdades do eu-feminino e que as publicações disseminaram, ao longo das décadas, a emancipação da mulher, a aquisição de novos valores e identidades.

O estudo mostra-se relevante, pois envolve o que é produzido pela mídia e quais elementos do discurso são utilizados para transmitir a informação ao leitor. O campo da análise

do discurso é debatido entre os meios acadêmicos e os enunciados dos meios de comunicação impresso e digital, como revistas, jornais, tiras em quadrinho, redes sociais e blogs, são objetos de estudo devido ao fato de que a mídia é o veículo disseminador das ideias vigentes e sua presença é maciça na sociedade.

A MULHER E O TRABALHO

1.1 Uma história das mulheres

Com base na leitura do trabalho da historiadora francesa Michelle Perrot, intitulado “Minha história das mulheres”, pode-se afirmar que a história das mulheres – que não se restringe e não se encaixa apenas no contexto francês – mostra que elas sempre trabalharam. Inicialmente, no espaço doméstico e familiar e, com o início da industrialização no século XVIII e o consequente regime assalariado, elas passam a ocupar as fábricas e o espaço público.

Com exceção do ambiente doméstico, as mulheres estiveram por muitos anos no meio rural como camponesas, vindo a desaparecer com o desenvolvimento das cidades e a decadência das aldeias. As camponesas eram responsáveis pela criação de animais e pelas colheitas. O papel da mulher, naquele contexto, não se restringia apenas ao campo. Ela era responsável pelos partos, pela vestimenta dos mortos, pelas reconciliações nas famílias e pela transmissão de lendas.

A vida no campo muda com o estopim da Primeira Guerra Mundial (1914), do êxodo rural, do avanço das comunicações e da industrialização. As mais jovens eram empregadas em fábricas de tecelagem, onde permaneciam por vários meses sem ir para a casa e o seu salário era enviado diretamente à sua família. Uma vez longe de casa, as jovens nem sempre voltam à sua terra natal porque buscam melhores condições de trabalho em cidades maiores. Lá, elas procuram instrução e almejam ser empregada nos Correios ou lecionar em escolas primárias.

Na segunda metade do século XX, as mulheres que se arriscaram e deixaram o campo em busca de condições melhores e instrução na cidade, conseguiram alcançar sua própria independência: dirigem, administram o próprio dinheiro e filiam-se a associações ou sindicatos.

O que parece não mudar, ao longo da história, é o trabalho doméstico que sempre recai para o sexo feminino. Uma das coisas que a sociedade espera de uma mulher é que ela seja uma boa dona de casa. No meio operário ou no meio burguês, a cobrança era ainda maior. A dona de casa, esposa do operário das fábricas nos séculos XVIII e XIX, lavava roupa, cozinhava, realizava as compras e fazia e costurava roupas. Neste meio era mais vantagem a mulher trabalhar em casa e não na fábrica. Já a dona de casa burguesa zelava pela família e pela ordem da casa: fazia a limpeza da moradia, lavava e passava as roupas, elaborava o cardápio das refeições, cuidava e educava as crianças e organizava as recepções para as visitas, além de reinar sobre a criadagem dando-lhe ordens.

As empregadas domésticas eram em maior número antes da Primeira Guerra Mundial, mesmo sem receber um salário mensal, apenas retribuições irregulares, pois já residiam na casa dos patrões. Sua jornada de trabalho era exaustiva e o domingo não era garantia de folga. As mulheres podiam trabalhar como cozinheiras, camareiras, lavadeiras, ajudantes de cozinha e copeiras. As últimas viviam nas piores condições: alimentavam-se de restos e dormiam em quartos execráveis, além de sofrerem com a exploração sexual do filho dos patrões.

Depois da Primeira Guerra Mundial, as empregadas domésticas tornaram-se escassas na França. Surgem as faxineiras diaristas e equipamentos industriais que vão amenizar o trabalho doméstico, como o advento do aspirador. As mulheres passaram a trabalhar em hospitais laicos ou nas fábricas. Inicialmente são empregadas no setor têxtil e as condições de trabalho continuam precárias: as máquinas não têm segurança e os cortes nos dedos e nas mãos são inevitáveis e não há refeitórios e nem vestiários. O assédio sexual também era recorrente, o que motivava as greves. O cenário começa a mudar com a chegada das “*municionetes*” (jovens que trabalhavam nas fábricas de munição na Primeira Guerra Mundial). As manufaturas reorganizaram o seu espaço com a criação de locais para aleitamento e elegem superintendentes mulheres.

No período entre as duas grandes guerras, o sexo feminino era admitido sem dificuldade nas fábricas de automóveis e ali seguiam carreiras longas, interrompidas apenas pelo direito conquistado da licença-maternidade. Depois da Segunda Guerra Mundial, a mão de obra feminina foi absorvida nas indústrias eletromecânica e eletrônica.

Nos anos 1980-1990, as mulheres tomaram o setor terciário como vendedoras, secretárias, enfermeiras e professoras primárias.

Com o surgimento das lojas de departamento as vendedoras são subordinadas por chefes do sexo masculino e submetidas a um regulamento severo. Os salários eram baixos, porém elas eram atraídas pelo ambiente confortável e limpo.

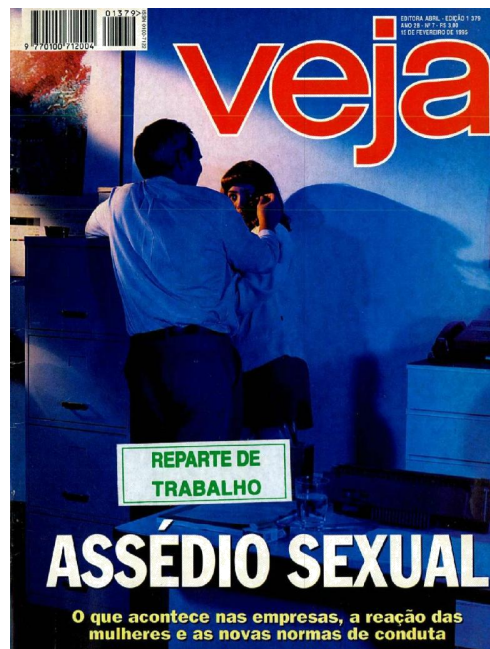
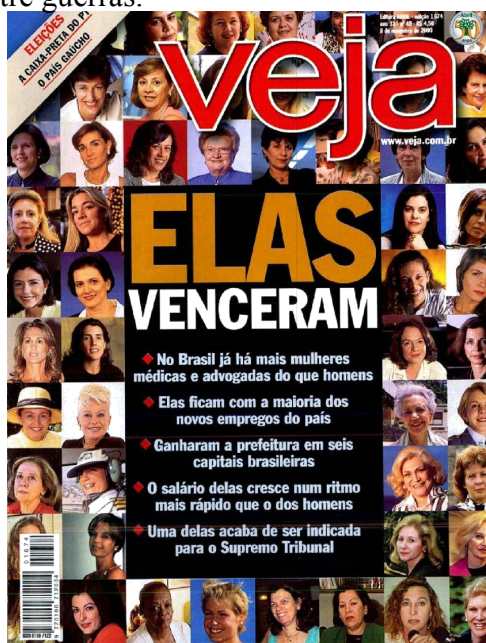
O ramo da enfermagem, antes confiado às religiosas dos hospitais e dos asilos, foi ocupado pelas jovens que buscaram qualificação. Por outro lado, exercer a profissão de médica ou advogada barrava na resistência masculina, que julgava inadmissível uma mulher nesses meios.

No que diz respeito ao ensino, as mulheres eram maioria, porém também havia preconceito nas universidades, situação que só veio a mudar depois da Segunda Guerra Mundial. No contexto francês, a historiadora Michelle Perrot afirma:

A Sorbonne se recusa a admitir, nos anos 1930, a germanista Geneviève Bianquis, embora ela fosse superior a seu concorrente, sob o pretexto de que a voz de uma mulher não poderia dominar um anfiteatro de estudantes. A primeira mulher nomeada para a Sorbonne foi em ciências, antes de 1914, Marie Curie; em letras, só em 1947, Marie-Jeanne Dury. (PERROT, 2007, p. 127)

Outra profissão que veio a ter destaque foi o trabalho nos palcos como atriz, que apresentava um aspecto positivo e outro negativo. O emprego era considerado um bom ofício para a mulher, pois esta sabia expressar emoções, interpretar, dançar e cantar. Por outro lado, a história mostrou-se rude com a profissão. As atrizes eram consideradas sem honra pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau e o cristianismo excomungava os atores, situação que muda no Concílio de Soissons, na França em 1849. Na Constituição de 1852 desse país, o líder Napoleão Bonaparte reconhece os atores como cidadãos comuns. No cenário artístico, as condições de trabalho também são difíceis: turnês extenuantes e ensaios intermináveis para se alcançar a perfeição. As atrizes são mais reconhecidas nos meios mais sofisticados. Com o tempo, “ser atriz passa a ser uma profissão aceitável e respeitável” (PERROT, 2007, p. 131).

O que ilustra o trajeto que a mulher percorreu e as diversas barreiras encontradas e superadas no caminho, é a capa da edição 1674 da revista *Veja* de 08 de novembro de 2000 (*Elas venceram*). A primeira informação em destaque “No Brasil já há mais mulheres médicas e advogadas do que homens” contrasta com a resistência masculina do século XIX e com a discussão do século XVIII que questionava se a mulher era ser humano como o homem ou se estava mais perto dos animais irracionais. Por outro lado, a capa da edição 1379 de 15 de fevereiro de 1995 estampa “Assédio Sexual”, o que mostra a permanência do problema desde o período entre guerras.



A evolução da mulher no mercado de trabalho sempre esteve vinculada com o espaço doméstico, o que caracteriza a multiplicidade do ser mulher e o seu papel social na construção da sua identidade, tema que será abordado a seguir.

1.2 Identidade feminina

O termo “identidade” é um conceito complexo. É um sistema simbólico que representa a experiência do indivíduo e o que ele é, além de ser uma criação social e cultural que está permanentemente em construção. Segundo Hall (2001) as concepções de identidade tem origem com o sujeito do Iluminismo, posteriormente com o sujeito sociológico e, por fim, com o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo era aquele “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2001, p. 10). Neste contexto, identidade remetia a um conceito extremamente individualista.

Com o mundo moderno em evidência, o sujeito sociológico surge com a consciência de que não é um ser autônomo e autossuficiente, mas é “formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2001, p. 11). Essa nova concepção “interativa” modificou o pensamento do sujeito, que passou a perceber que a identidade está relacionada com o mundo exterior e não só com o seu núcleo interior.

O sujeito pós-moderno e a identidade coletiva, contraditória e instável surgem como “resultado de mudanças estruturais e institucionais” (HALL, 2001, p. 12). A primeira definição de identidade como sendo algo unificado, completo e seguro é descartado visto que o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, o que caracteriza um ser múltiplo e fragmentado que favoreceu o surgimento de novas identidades. Como consequência, a chamada “crise de identidade” é oriunda desse processo de mudanças nas estruturas sociais. O sentimento de deslocamento e/ou de não pertencer a lugar nenhum está relacionado com o que Bauman (2005) intitula de época líquido-moderna.

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem

apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p. 35)

A modernidade líquida sugere que as relações humanas não são sólidas e permanentes, ou seja, é algo que pode se esvaír muito rapidamente frente às novas tecnologias.

O caminho percorrido pela mulher em busca da sua inserção no mercado profissional foi um fator decisivo na formação da sua identidade.

[...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.
(BAUMAN, 2005, p. 17-18)

Visto que as transformações nas sociedades modernas mudaram as identidades pessoais do indivíduo, o conceito de identidade feminina surgiu a partir da ideia de deslocamento de lugar no mundo social do sujeito. A mulher não se encontra mais fixa e estável em um determinado ambiente. Passou da posição de um ser oprimido e limitada à dominação masculina para ser representada na sociedade.

Bauman afirma que “houve um tempo em que a identidade humana de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho” (BAUMAN, 2005, p. 51), o que significa que – em um dado momento – a mulher que se limitava apenas aos afazeres domésticos era excluída de ter uma identidade, o que remete à polêmica afirmação do psicanalista Lacan, que afirmou que “A mulher não existe” (LACAN apud WITZEL, 2011, p. 48).

A identidade feminina foi construída ao longo da história e apresenta relação com o mundo exterior e pode ser transformada a partir dos sistemas culturais que rodeiam a sociedade.

Levando em consideração a multiplicidade dos papéis femininos, pode-se dizer que os “eus” são produzidos pelas práticas discursivas. Segundo Witzel (2011) “ a mídia se destaca como um importante dispositivo discursivo que formata a identidade do sujeito” (WITZEL, 2011,

p. 49). Os meios de comunicação social produzem efeitos identitários, representam a realidade, constroem imagens simbólicas e sociais e proliferam novas e diferentes identidades. As capas da revista *Veja*, corpus do presente trabalho, generalizam o modelo da nova mulher e reverberam novas crenças e papéis.

O DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA

2 Análise do Discurso: pressupostos teóricos

Para entender os estudos da linguagem hoje é preciso voltar ao final dos anos 1950 e focar em nomes como Jakobson, Althusser, Barthes, Greimas, Lacan e Foucault, os chamados estruturalistas.

O termo “estruturalismo” é oriundo do linguista Ferdinand Saussure e surgiu como um campo de saber mais completo que a Linguística (GREGOLIN, 2006).

Estruturalismo, marxismo e história estão na base das propostas da Análise do Discurso, também conhecida como AD de linha francesa.

Para Foucault (1970) e seus companheiros “pós-estruturalistas”, o estruturalismo é, antes de tudo, uma empreitada para oferecer um método mais preciso e rigoroso às pesquisas históricas. Assim, sem se desviar da História, o estruturalismo oferece uma forma de abordar rigorosamente os fenômenos históricos. (GREGOLIN, 2006, p. 30)

A análise do discurso de linha francesa, aporte do presente trabalho, surgiu no final dos anos 60 pelo lexicólogo Jean Dubois e pelo filósofo Michel Pêcheux em meio a uma reestruturação da Linguística e uma revolução cultural provocada pelo encontro de três ciências: linguística, psicanálise e marxismo, representada por Saussure, Freud e Marx, respectivamente. O movimento proporcionou novas práticas de leitura dos discursos e uma visão do embate entre linguagem e história.

Dubois e Pêcheux publicaram obras que deram início à teoria: o primeiro escreveu o artigo “Lexicologia e análise de enunciado” e o segundo é autor de “Análise Automática do Discurso”.

Os estudiosos problematizaram a relação entre o discurso e o dispositivo de análise. Diante do cenário de “crise epistemológica” pela qual a Linguística atravessava, Pêcheux já via na Linguística Estrutural as transferências metafóricas para outros campos, sua apropriação e banalização. Em seu livro, criticou a separação entre *langue* (estrutura da língua) e *parole* (realização da língua) conceituada por Saussure.

Os fundadores da AD viam de maneira distinta a relação entre marxismo e linguística. Jean Dubois acreditava que esse novo campo do saber era uma continuação natural da Linguística e um modelo sociológico que unia a análise linguística à enunciação. Para Michel Pêcheux, a AD investigava a epistemologia, o gesto separador de Saussure e a reformulação da *parole*, além de

questionar a metodologia e os processos discursivos. Dessa forma, o discurso surgia como uma realidade entre o linguístico e o histórico (GREGOLIN, 2003).

As ideias de Dubois e Pêcheux também diferiam em relação ao conceito de enunciação. Para o primeiro que foi influenciado pelos trabalhos de Benveniste e Jakobson, o conceito de “sujeito do discurso” é dado por uma via idealista e sem problematização. Para o segundo que se baseava nos trabalhos de Althusser, a proposta era de uma teoria não subjetiva do discurso.

A Análise do Discurso de linha francesa passou por um processo de reconstrução devido a mudanças políticas e epistemológicas do contexto histórico. Pêcheux reelaborou suas propostas tendo como base as “filosofias espontâneas” subjacentes à Linguística.

Além do filósofo, outros nomes são relevantes nesse campo de estudo como Althusser, que foca nas teses marxistas; Foucault, que aborda os conceitos de interdiscurso; Lacan, que estuda as teses de Freud sobre o inconsciente e Bakhtin, que defende a heterogeneidade constitutiva do discurso.

As contribuições dessas diferentes teorias foram necessárias para a constituição da AD, que tem como principal reflexão a confluência entre língua, sujeito e história.

A partir das ideias de Althusser, que afirma que uma ideologia é a maneira pela qual os homens vivem as relações com suas condições materiais de existência e que as formações ideológicas comportam formações discursivas, ou seja, o que pode e deve ser dito em determinado lugar, Pêcheux divulgou o conceito de *condições de produção do discurso* a partir das relações entre língua e ideologia.

Sobre a relação de Michel Pêcheux e Michel Foucault, é evidente no livro “Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos” (GREGOLIN, 2006) que eles se encontram em vários pontos, porém apresentam projetos epistemológicos distintos. Em linhas gerais, o primeiro tem relação com a Linguística e se apoia na chamada Tríplice Aliança: Saussure, Marx e Freud. Por outro lado, Foucault relaciona-se com as problemáticas da história e da filosofia e a sua Tríplice Aliança é Nietzsche, Freud e Marx. Gregolin resume que

Em Pêcheux, ele se concretiza na busca de construir a análise do discurso, e nela estão envolvidos a língua, os sujeitos e a História. [...] Essa *Tríplice Aliança* acompanha a construção de um projeto teórico de refacções constantes e que visava à construção de uma *teoria materialista do discurso* aliada a um projeto político de intervenção na *luta de classes*, a partir da leitura althusseriana do marxismo-leninismo. [...] o projeto foucaultiano não tinha como objetivo imediato construir uma teoria do discurso – suas temáticas sempre foram amplas

e envolveram as relações entre os saberes e os poderes na história da sociedade ocidental [...] (GREGOLIN, 2006, p. 53-54)

Os filósofos dialogam quando o assunto são as lutas ideológicas dos anos 1960 a 1980 na França, das diferentes leituras das propostas de Marx, das diferentes maneiras que se posicionaram com a esquerda política e como lidaram com as influências de Louis Althusser.

A construção teórica de ambos atravessou as intituladas “três épocas”, permeadas por releituras, conceitos e reflexões. As “três épocas” de Foucault são divididas em:

- 1ª) pesquisa voltada à objetivação do sujeito, sobre a história da loucura, medicina e campos do saber que tratam da vida, da linguagem e do trabalho;
- 2ª) análise das articulações entre os saberes e os poderes, dentre os principais trabalhos *A ordem do discurso*, *Vigiar e Punir* e *Microfísica do Poder*;
- 3ª) pesquisas na direção da sexualidade, da constituição histórica de uma ética e estética de si.

A construção de sua obra tem como ponto principal o sujeito, que é objeto de saber, objeto de poder e objeto de construção identitária.

Pensando o “sujeito” como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que Foucault observa as mudanças nos saberes e sua consequente articulação com os poderes. (GREGOLIN, 2006, p. 59)

As “três épocas” de Pêcheux têm como reflexão a articulação entre o discurso, a língua, o sujeito e a história, a partir das propostas de Althusser. São divididas da seguinte forma:

- 1ª) proposta teórico-metodológica da releitura de Saussure;
- 2ª) teoria materialista do discurso; apresenta os conceitos de aparelhos ideológicos e formações ideológicas;
- 3ª) aproximação com as teses de Foucault e crítica à política e as posições derivadas da luta na teoria.

Os principais conceitos da teoria do discurso são encontrados na obra foucaultiana *A Arqueologia do Saber*: a noção de acontecimento discursivo, o conceito de enunciado, a formação discursiva, o arquivo e a relação entre discurso, sujeito e história.

Acontecimento discursivo é o “conjunto finito e efetivamente limitado das sequências que tenham sido formuladas, compreendendo o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica [...]” (GREGOLIN, 2006, p. 88)

O *enunciado* deve ser entendido como uma função que se opõe às unidades (frase, proposição, atos de fala) e o acentua como um sistema de construção que existe num determinado tempo e espaço.

A *formação discursiva* é consequência do sistema de dispersão e da regularidade dos sentidos dos enunciados. Gregolin afirma:

Partindo do problema da *descontinuidade* no discurso e da *singularidade* do enunciado, Foucault propõe que as dimensões próprias do enunciado sejam utilizadas na demarcação das *formações discursivas*. O que ele descreve como *formação discursiva* constitui grupos de enunciados, isto é, um conjunto de performances verbais que estão ligadas no nível dos enunciados. (GREGOLIN, 2006, p. 90)

O arquivo é o conceito mais amplo proposto por Foucault, pois abrange todos os sistemas de enunciados que caracterizam o nível discursivo possibilitando o seu funcionamento e a sua existência em um certo tempo e espaço.

Por fim, abstrai-se da relação entre discurso, sujeito e história que o sujeito é historicamente determinado e que a História apresenta uma “materialidade que se expressa na existência material dos enunciados” (GREGOLIN, 2006, p. 93). Foucault define o discurso como

um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (FOUCAULT, 1986, p. 135-136 apud GREGOLIN, 2006, p. 95)

Em seu principal livro, “A ordem do discurso”, Michel Foucault afirma que o discurso é um campo arriscado e perigoso, o que causa

[...]inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 1996, p. 8)

O discurso apresenta materialidade (termo que remete ao poder da palavra) e a produção dos enunciados são organizados e selecionados para um determinado contexto.

O autor argumenta sobre o controle e os métodos de delimitação do discurso, a começar pelos procedimentos de exclusão e interdição.

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 1996, p. 9)

A partir dessas interdições, o discurso apresenta uma ligação com o desejo e com o poder: é a manifestação para se chegar ao poder e/ou lutar por algo.

O próximo elemento levantado diz respeito à separação e rejeição.

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e rejeição. Penso na oposição razão e loucura. [...] É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. [...] Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. [...] Dir-se-á que, hoje, tudo isso acabou ou está em vias de desaparecer; que a palavra do louco não está mais do outro lado da separação; que ela não é mais nula e não-aceita; que, ao contrário, ela nos leva à espreita; que nós aí buscamos um sentido, ou o esboço ou as ruínas de uma obra; e que chegamos a surpreendê-la, essa palavra do louco, naquilo que nós mesmos articulamos, no distúrbio minúsculo por onde aquilo que dizemos nos escapa. (FOUCAULT, 1996, p. 10-12)

O terceiro sistema de exclusão trata da oposição do verdadeiro e do falso e da iminência da vontade de verdade. É um preceito constituído historicamente. Para os poetas gregos, o discurso verdadeiro era aquele pronunciado pela justiça e conforme o ritual requerido. Um século mais tarde, “a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência.” (FOUCAULT, 1996, p. 15)

Entende-se que a “vontade de verdade” é materializada no discurso por meio de preceitos e normas oriundas de aparelhos institucionais, como a mídia, que exerce um poder de coerção. Para Gregolin:

A verdade, portanto, é uma configuração histórica: não há uma verdade, mas vontades de verdade que se transformam de acordo com as contingências históricas. Apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, a vontade de verdade tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão, um poder de coerção. Assim, ao propor a existência de uma “vontade de verdade”, Foucault não a pensa como uma essência a ser descoberta, mas procura descrever e analisar os modos como a “verdade” vem sendo historicamente produzida e a função de controle exercido por essa produção. Trata-se, para Foucault, de uma função de “polícia discursiva” que é necessário reativar a cada produção do discurso. (GREGOLIN, 2006, p. 98)

Retomando os três grandes sistemas de exclusão – a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade – pode-se dizer que o último é essencial e retoma os dois primeiros a fim de modificá-los e fundamentá-los. O discurso verdadeiro não é aquele que está ligado ao desejo ou ao poder, mas tem como necessidade a vontade de dizer o discurso verdadeiro.

Além dos citados procedimentos de exclusão, Foucault argumenta sobre os procedimentos internos, que são o comentário, o autor e a organização das disciplinas.

Pelo método do comentário, há na sociedade narrativas que somem, discursos ritualizados e discursos que não se perdem ao longo do tempo. Há um desnivelamento entre os discursos: existem aqueles que são temporários, ou seja, surgem no dia a dia e somem rapidamente e, aqueles que são permanentes e se instalam na sociedade.

É certo que esse deslocamento não é estável, nem constante, nem absoluto. Não há, de um lado, a categoria dada uma vez por todas, dos discursos fundamentais ou criadores; e, de outro, a massa daqueles que repetem, glosam e comentam. Muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar. Mas embora seus pontos de aplicação possam mudar, a função permanece; e o princípio de um deslocamento encontra-se sem cessar repostado em jogo. (FOUCAULT, 1996, p. 23)

Sobre o princípio de rarefação do autor, exclui-se a ideia do indivíduo que escreveu ou pronunciou o texto, “mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e

origem de suas significações, como foco de sua coerência.” (FOUCAULT, 1996, p. 26). O autor é o responsável pela materialidade do discurso, é aquele que dá à linguagem suas unidades, as conexões de coerência e a sua inserção na realidade. Para Gregolin:

Ao contrário do princípio do comentário, que limita o acaso do discurso pelo jogo entre a paráfrase e a polissemia, o princípio do autor limita esse mesmo jogo por meio da criação do efeito da individualidade do autor. (GREGOLIN, 2006, p. 99)

O próximo procedimento é o da organização das disciplinas, que se opõe ao comentário e ao autor. Tendo em vista que a disciplina é a possibilidade de reformular e/ou construir novos enunciados, não é necessário – como no comentário – redescobrir um sentido e repetir uma identidade. Contrapõe ao autor devido ao fato da disciplina ser um sistema anônimo de métodos, de proposições consideradas verdadeiras, de regras, definições, técnicas e instrumentos. O ponto principal da disciplina é o reconhecimento de proposições verdadeiras e falsas.

No interior de seus limites, cada disciplina reconhece proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber. O exterior de uma ciência é mais e menos povoado do que se crê: certamente, há a experiência imediata, os temas imaginários que carregam e reconduzem sem cessar crenças sem memória; mas, talvez, não haja erros em sentido estrito, porque o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida; em contrapartida, rondam monstros cuja forma muda com a história do saber. Em resumo, uma proposição deve preencher exigências complexas e pesadas para poder pertencer ao conjunto de uma disciplina. (FOUCAULT, 1996, p. 33-34)

A disciplina é um princípio de controle na produção dos enunciados e impõe limites e regras na criação dos discursos, que engloba ainda as ideias do autor e a multiplicidade dos comentários.

Foucault afirma ainda que existe um terceiro grupo de procedimentos que controlam os discursos, artifícios focados em imposição de regras aos indivíduos que pronunciam as alocações: os de rarefação dos sujeitos que falam. Os campos do discurso não são totalmente abertos e para entrar nessa ordem é preciso ser qualificado para a ação. Os métodos de controle envolvem o ritual, as sociedades de discurso, as doutrinas e as apropriações sociais do discurso.

O ritual define a qualificação, os gestos, os comportamentos e as exigências que o indivíduo deve possuir para a realização do discurso e o seu consequente efeito ao ouvinte.

As sociedades de discurso apresentam como objetivo conservar ou produzir discursos em uma sociedade que tem a escrita como forma institucionalizada de coerção.

Em relação às doutrinas, o seu papel é o de limitar o discurso a apenas alguns sujeitos. As doutrinas ligam os indivíduos a certos tipos de enunciação e os excluem de outros, além de questionar o enunciado e o sujeito que fala.

As apropriações sociais do discurso referem-se às instituições responsáveis pela disseminação dos discursos, com os saberes e os poderes que as acompanham.

E Foucault finaliza:

A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discurso e a apropriação dos discursos por certas categorias de sujeito. Digamos, em uma palavra, que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. (FOUCAULT, 1996, p. 44)

Dando continuidade à proposta teórico-metodológica de Foucault, os princípios de inversão, de descontinuidade, de especificidade e de exterioridade são estabelecidos para a análise do discurso.

O princípio de inversão significa que ao invés de reconhecer a fonte original do discurso e a sua continuidade, é necessário enxergar o “jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso” (FOUCAULT, 1996, p. 52).

O princípio de descontinuidade refere-se ao discurso como prática descontínua, ou seja, não é um discurso ilimitado e contínuo; é algo passageiro que pode se entrelaçar, ignorar ou excluir formas e acontecimentos.

O princípio de especificidade dita que não se deve transformar o discurso em um jogo de significações prévias, na realidade “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.” (FOUCAULT, 1996, p. 53).

O princípio de exterioridade menciona que não se deve concentrar o discurso no seu núcleo interior, mas “passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras.” (FOUCAULT, 1996, p. 53).

A esses princípios somam-se mais quatro noções reguladoras para a análise: o acontecimento, a série, a regularidade e a possibilidade.

Vemos que se opõem termo a termo: o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade e a condição de possibilidade à significação. Estas quatro últimas noções (significação, originalidade, unidade, criação) de modo geral dominaram a história tradicional das idéias onde, de comum acordo, se procurava o ponto da criação, a unidade de uma obra, de uma época ou de um tema, a marca da originalidade individual e o tesouro indefinido das significações ocultas. (FOUCAULT, 1996, p. 54)

Todos esses princípios regulamentadores estão na base das análises do discurso foucaultiano. Os seus estudos focaram-se nas formas de exclusão, limitação, de apropriação tanto da loucura quanto da morte e dos princípios de rarefação do discurso.

Tendo, em seus estudos, integrado sempre as práticas discursivas seja para a compreensão da história dos saberes, seja para o estudo do poder e das técnicas de subjetivação, Foucault desempenha um importante papel na teorização da análise do discurso. Suas propostas estão fortemente assentadas em muitas das formulações de Michel Pêcheux [...] (GREGOLIN, 2006, p. 110)

Retomando o diálogo entre Pêcheux e Foucault, pode-se dizer que as articulações entre o discurso, o sujeito e a história é o ponto central da teoria do discurso, porém há diferenças na maneira de pensar essas relações, o que leva um a complementar o outro.

3 Análise do corpus: o que dizem as capas

O *corpus* do presente trabalho é constituído por seis capas da revista Veja entre o período de 1968-2012 que tem como tema a evolução da mulher no mercado de trabalho.

O levantamento das publicações desde o levantamento da revista permite dizer que determinados temas predominam em determinada década.

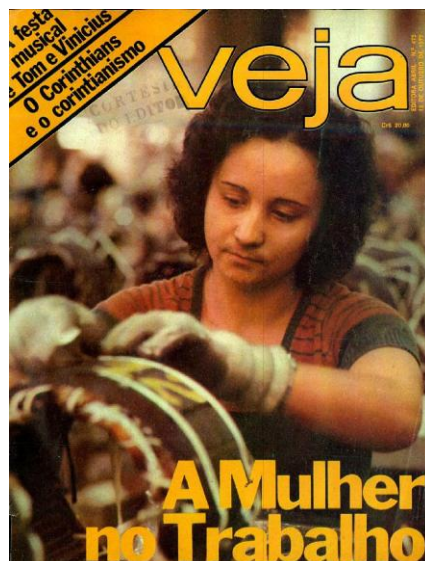
Nas décadas de 60,70 e 80 eram poucas reportagens que tinham como destaque o universo feminino. Predominavam reportagens relacionadas à política, economia, crises internacionais, saúde e avanços científicos.

A primeira publicação que remete à mulher aparece em 1976 e disserta sobre o parto cirúrgico que cresce cada vez mais. No ano seguinte, a primeira capa sobre a mulher no trabalho surge no momento em que o Brasil apresenta uma mão de obra feminina relevante espalhada nos campos e nas indústrias, porém alvo de preconceito por trabalhar fora do lar.

Na década de 80, a mulher já tem uma presença maior na sociedade e as reportagens destacam essa transformação, todavia não aparece nenhuma capa referente ao tema. A questão da sexualidade tratada desde os primórdios como algo próprio do território masculino aparece em 1984 devido à publicação de um livro erótico.

As matérias que tratam da dualidade mulher e trabalho predominam nas décadas de 90 e anos 2000. Percebe-se a evolução do ser feminino em todos os campos: sexo, busca pela beleza e ascensão na vida profissional.

A primeira edição é a de nº 475 do ano de 1977 e traz uma operária no seu ambiente de trabalho: a indústria. A reportagem afirma que apesar do país ter finalmente despertado para a mão de obra feminina espalhada pelos campos e cidades, o preconceito sofrido pelas mesmas é muito palpável por aquelas que optaram trabalhar fora.



O enunciado “A mulher no trabalho” veicula uma realidade nova: o sexo feminino já ocupa postos de trabalho. A mulher representada nesta capa apresenta traços duros, sem maquiagem, tintura no cabelo ou adornos; usa luva grossa e há um ocultamento do seu corpo.

Para o contexto em que o número de mulheres nas indústrias era alto, foi necessário um discurso que materializasse a ação do sujeito mulher na história.

A edição nº 1185 de 05 de junho de 1991 expõe a nova realidade da família brasileira de classe média, em que o homem e a mulher trabalham fora e, conseqüentemente, optam por ter menos filhos.

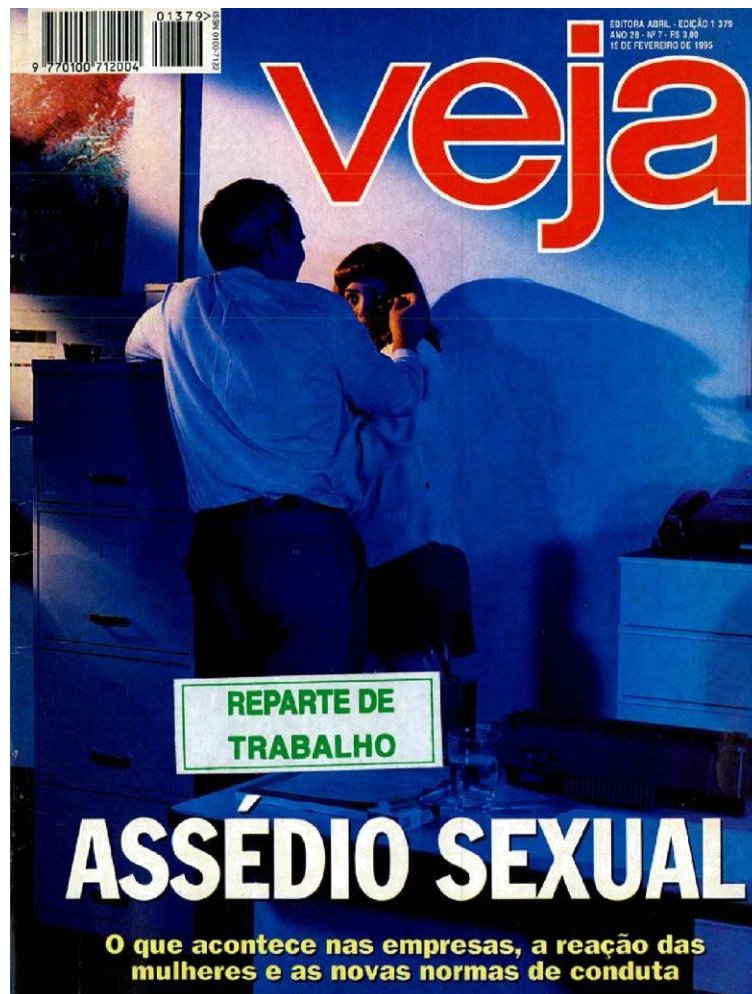


Pode-se dizer que os efeitos identitários são reafirmados no enunciado “Menos filhos, mães no trabalho”. Há um deslocamento do papel social da mulher, ou seja, ela não se restringe somente em ser mãe, é também trabalhadora e precisa conciliar essas duas tarefas, nem que para isso seja necessário ter um único filho, atitude muitas vezes criticada pela família e pela sociedade que acredita que uma criança sem irmãos tem uma infância sozinha e cresce com a ausência de certos valores, como o aprender a compartilhar.

A imagem mostra uma garota de 8 anos no centro da capa que divide, ao fundo, o desenho dos pais em ambiente de trabalho. É evidente que o retrato dos mesmos apresenta uma diferença de posição profissional. O pai é retratado em uma mesa de escritório com computador e vestido de forma social, o que remete a um homem de sucesso. A mãe está em uma mesa com um livro, o que lembra profissões menos prestigiadas.

A expressão facial e corporal da garota remete ao abandono e à solidão enquanto os pais trabalham. A imagem reforça a ideia de que o trabalho feminino leva ao abandono dos filhos. Dessa forma, tanto o discurso visual quanto o escrito, institui o espaço doméstico como o verdadeiro lugar das mulheres. Pode-se afirmar que o discurso da capa é conservador, pois reafirma valores tradicionais acerca do espaço que o sexo feminino deve ocupar, o que retoma a memória histórica que prega que o ambiente doméstico é o lugar da mulher.

A próxima edição é a de nº 1379, foi publicada em 15 de fevereiro de 1995 e trata sobre um aspecto negativo que surgiu com a entrada das mulheres no mercado de trabalho: o assédio sexual.



Pode-se dizer que é um discurso polêmico que enfatiza o enunciado em letras brancas “Assédio Sexual”; logo abaixo, os dizeres “O que acontece nas empresas, a reação das mulheres e as novas normas de conduta” instiga e persuade o leitor a adquirir a revista para saber mais sobre o assunto.

A capa, como um todo, constitui a realidade social daquele momento histórico, o que remete ao método arqueológico de Foucault que “tenta compreender a irrupção dos acontecimentos discursivos, investigando as condições (histórico-sociais) que possibilitaram o seu aparecimento.” (GREGOLIN, 2006, p. 86). Diante de um escândalo político envolvendo o secretário de formação política do Partido dos Trabalhadores que se insinuou sexualmente a funcionárias da sede estadual do partido, além do aumento de denúncias por parte das mulheres acerca do assédio sofrido nas empresas em que trabalhavam e, ainda, da palavra *assédio* ser uma expressão incorporada no vernáculo nacional da época, foram fatos determinantes para o aparecimento desse enunciado e não de outro em seu lugar.

Os elementos visuais ilustram “o que acontece nas empresas, a reação das mulheres”: a expressão da mulher assustada em um escritório representado de forma hostil, com a incidência de uma luz azul que torna o local escuro e ameaçador.

A quarta capa é a edição nº 1535 de 25 de fevereiro de 1998 e apresenta uma transição para a mulher de sucesso.



Duas décadas depois da primeira capa, a mulher aparece ocupando altos postos na hierarquia das empresas, além da valorização e exposição pela mídia do corpo e da beleza.

O enunciado “Os homens que se cuidem” produz a ideia de que eles devem se preocupar diante da realidade do avanço profissional do sexo feminino. Há uma junção entre linguagem, sujeito e história: o discurso intimidador sobre o homem pelo sujeito mulher inverte os papéis em que o sexo masculino sempre ocupou a liderança.

Os elementos visuais representam a identidade dessa nova mulher rotulada como “poderosa”. Ela é imponente, não descuida da aparência (atente para as pernas esbeltas valorizadas pela saia curta e pelo salto alto) e rebaixa muitos homens que não tem o mesmo estudo e, conseqüentemente, estão longe de alcançar os melhores cargos.

A penúltima capa é a edição nº 1674 de 08 de novembro de 2000, que é a melhor representação de que as mulheres venceram inúmeros obstáculos e alcançaram sucesso profissional nas mais diversas áreas.



O discurso presente na capa pode ser caracterizado como objetivo, argumentativo e contextualizado. É oferecido ao leitor dados estatísticos (“No Brasil já há mais mulheres médicas e advogadas do que homens”) e fatos (“Uma delas acaba de ser indicada para o Supremo Tribunal”) que comprovam o enunciado principal “Elas venceram”, que, por sua vez, apresenta um caráter ambíguo. Refere-se tanto às celebridades que aparecem estampadas na capa quanto ao sexo feminino em geral.

As imagens de diversas mulheres conhecidas pelo público em geral das áreas da política, do jornalismo, da tevê, do esporte e da aeronáutica gera um sentimento de pertencimento e de identificação da mulher brasileira.

Pode-se afirmar que esta capa tem uma relação com a publicação anterior, que afirmava que as mulheres estavam avançando sobre os melhores cargos. Dois anos depois, há uma reafirmação do discurso, com a diferença de que este conclui a verdadeira posição das mulheres na sociedade.

A última capa do período é a edição nº 2267 de 02 de maio de 2012, que representa a estabilidade da mulher que concilia vida profissional e pessoal.



O enunciado principal “As lições das chefonas” produz a ideia de que elas têm uma posição de liderança tanto no ambiente profissional quanto no ambiente doméstico, o que gera o caráter polissêmico e a sua identidade de mulher múltipla.

O enunciado secundário “8 presidentes de grandes empresas no Brasil e 12 especialistas em carreira ensinam **como chegar ao topo sem abrir mão da vida pessoal**” (grifo meu), juntamente com o enunciado em destaque da primeira página da reportagem (“Conheça os conselhos de oito mulheres que chegaram ao topo sem abrir mão da maternidade e das horas de lazer”), que segue abaixo, instaura valores tradicionais e um discurso ainda conservador: mesmo a mulher focando nos estudos e na vida profissional, a questão da maternidade não deve ser deixada de lado.

Especial

As brasileiras são mais ambiciosas do que as americanas e já ocupam um em cada quatro cargos de liderança em grandes e médias empresas. Conheça os conselhos de oito mulheres que chegaram ao topo sem abrir mão da maternidade e das horas de lazer

TATIANA GIANINI
FOTOS DE PAULO VITALE



Sobre as fotos da última capa, é evidente que a mulher do século XXI é bem mais feminina e valoriza a sua imagem. Observe o tecido das roupas, a formalidade, a postura corporal, o cabelo arrumado e pintado, a maquiagem, os acessórios e o sorriso que transmite a felicidade de ser uma mulher bem-sucedida. É interessante notar que a empresária do centro, presidente da Johnson & Johnson, está com os braços cruzados em uma alusão a uma postura tipicamente masculina.

CONCLUSÃO

Diante das ideias apresentadas, vale ressaltar alguns pontos interessantes. A análise do discurso e o estudo do discurso da mídia – seja ela impressa ou virtual – estão ligados, pois apresentam o mesmo objeto de estudo: a produção social de sentidos decorrente da materialidade do enunciado, que “precisa ter uma substância, um suporte, um lugar, uma data” (GREGOLIN, 2006, p. 93) e, ainda, “a vontade de verdade tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão, um poder de coerção” (GREGOLIN, 2006, p. 98).

Tendo em vista que a mídia é esse suporte que possui um poder ideológico que projeta “verdades” sociais, a revista *Veja* colaborou com a formação da identidade feminina ao longo de quatro décadas. Da primeira capa veiculada em 1977 até a última no início do século XXI, diversas transformações ocorreram na sociedade como o avanço da globalização, da tecnologia e, consequentemente, do comportamento humano. A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um processo marcado inicialmente pelo preconceito, seguido de uma mudança de comportamento em relação à formação da família e, por fim, no auge da nova mulher caracterizada como bem-sucedida profissionalmente e pessoalmente.

As análises das capas evidenciam que existem estratégias discursivas, tanto em sua forma escrita quanto visual, visto que o conceito de enunciado não se restringe apenas à estrutura linguística canônica (GREGOLIN, 2006), utilizada pela mídia impressa para criar e afirmar a identidade dessa mulher que emergiu do espaço privado ao público. Estão presentes nas publicações jogos discursivos, elementos ambíguos e polissêmicos, enunciados argumentativos utilizados para chamar a atenção do leitor, além dos aspectos visuais que vão dos traços masculinos ao feminino, da posição de operária a empresária, da expressão de mulher triste a feliz no contexto profissional e do ocultamento do corpo e da beleza à exposição e valorização do mesmo. Todos esses elementos nos faz compreender que o sujeito do enunciado (a mulher) é historicamente determinado e ocupa diferentes posições em uma série de enunciados (GREGOLIN, 2006).

Ainda sobre o discurso, são relevantes algumas conclusões. O discurso não se restringe a frase, ou seja, há um significado amplo que possibilita diversas relações com o sujeito e a história; o discurso é construído para uma finalidade e regido por normas, o que remete aos sistemas de controle e procedimentos defendidos por Foucault (1996); por fim, é um discurso

transformador e contextualizado, ou seja, o contexto social e os fatos cotidianos de cada época foram determinantes para a produção de determinados enunciados e não outros em seu lugar.

As principais perguntas que são iminentes referem-se a que efeitos de sentido e de identidade as capas produzem? O que mudou e o que se conservou nessa passagem do tempo? Houve uma alteração dos elementos masculinos ao feminino?

Em relação a sua evolução no mercado de trabalho, o discurso da revista - analisado cronologicamente e produto da globalização - é transformador, culminando no seu auge como presidente das mais renomadas empresas e até mesmo como presidente do Brasil. A mulher foi retratada primeiro na década de 1970 como uma operária na indústria sem perspectiva de crescimento e com traços duros que remetiam ao masculino; na década de 1990 foi estereotipada na capa em uma profissão menos prestigiada na sociedade; mas em fins da década de 1990 e início dos anos 2000 até a atualidade como a mulher de sucesso, que exala feminilidade e vaidade. Vale ressaltar que *Veja* – como revista de grande circulação entre as classes mais favorecidas – apresenta um estereótipo feminino, retrata a mulher que se dedicou aos estudos e alcançou os melhores cargos a partir da década de 1990. Já na relação mulher-trabalho-família, o discurso se manteve conservador, principalmente em relação à maternidade. Percebe-se que as capas que têm como enunciados “Menos filhos, mães no trabalho” e “As lições das chefonas” estão em sintonia, pois os valores tradicionais e culturalmente enraizados na história das mulheres não podem ser esquecidos e, sim, conciliados para uma plena felicidade. Essa realidade é a mensagem ideológica da revista, em que a mídia reconstrói modelos e propõe novas identidades.

Conclui-se que a Análise do Discurso, como dispositivo de análise, foi suporte essencial na interpretação dos enunciados da mídia impressa, pois possibilitaram a compreensão da materialidade do discurso e a relação entre linguagem, sujeito e história.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DUBOIS, Jean. **Lexicologia e análise de enunciado**. Trad. bras. em Orlandi, E. (org.). *Gestos de Leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. bras. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J.B. (org.). **Teorias linguísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: UFU, 2003. p. 1-14.

GREGOLIN, Mária do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, Mária do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. In: **Comunicação. Mídia e Consumo**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing. Vol. 4, p. 12-26, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse Automatique Du Discours**. Paris: Dunod: 1969.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

WITZEL, Denise. **Práticas discursivas, redes de memória e identidades do feminino: entre princesas, bruxas e lobos no universo publicitário**. 2011. 215f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara-SP, 2011.

www.aner.org.br. Acesso em abril/2014

www.veja.abril.com.br/acervodigital. Acesso em abril/2014